



DESENHANDO IDENTIDADES:
(RE)EXISTÊNCIAS, DISSIDÊNCIAS E CULTURAS
XV Seminário do Programa de Pós-Graduação
em Desenho, Cultura e Interatividade.



XV Seminário do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade – 2020

OLHARES SOBRE A FEIRA LIVRE DE CONCEIÇÃO DO JACUIPE- BA

Jaqueline de Jesus de Lemos¹

UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana
Mestranda em Desenho, Cultura e Interatividade (PPGDCI)
jake-llyne@hotmail.com

Edson Dias Ferreira²

UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana
Orientador e Professor Titular do Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade (PPGDCI)
edson.orientacaomestrado@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo procura apresentar o estado atual da pesquisa em andamento no Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade (PPGDCI), com a qual buscamos estabelecer o desenho que representa esta feira livre de Conceição do Jacuípe – BA. Assim, nada como recorrer aos próprios feirantes, participantes ativos desse objeto de estudo para buscar alcançar tal intento.

Palavras-chave: Imagem, Desenho, Feira livre, Conceição do Jacuípe.

Resumen

Este artículo busca presentar el estado actual de la investigación en progreso en el Programa de Posgrado en Diseño, Cultura e Interatividade (PPGDCI), con el que buscamos establecer diseño que representa esta feria libre en Conceição do Jacuípe – BA. Así, no hay nada como acudir a los propios comercializadores, participantes activos en este objeto de estudio para buscar conseguir tal intención.

Palabras clave: Imagen, Diseño, Feria libre, Conceição do Jacuípe.

¹Licenciada em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade – UEFS. E-mail: jake-llyne@hotmail.com

² Pós Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: edson.orientacaomestrado@yahoo.com.br

1. Introdução

A feira é o lugar de eventos, trocas e lutas significativas de uma comunidade. É, portanto, imagem carregada de símbolos e simbolismos, pois é onde a sociedade se coloca sob o sol, sob a chuva, exposta aos riscos inerentes ao ambiente da rua (FREITAS, MCS., FONTES, GAV., and OLIVEIRA, N., 2008).

Diante disso, a feira livre que este artigo aborda é a feira livre de Conceição do Jacuípe – BA. O desejo em estudá-la surgiu por dois motivos iniciais: o primeiro de cunho pessoal, visto que, desde criança vejo meu pai participar dela há exatamente vinte anos, todas as terças e sábados cotidianamente na trajetória de feirante, o qual, foi proporcionado estabelecer uma relação não apenas de renda, como também de laços afetivos com outros agentes sociais presentes, tais como: outros feirantes e clientes assíduos.

Já, o segundo motivo, refere-se ao viés histórico que a feira representa para o município de Conceição do Jacuípe, sabe-se que foi a partir dessa feirinha, iniciada por volta do ano de 1918, na qual a presença frequente de tocadores do instrumento berimbau, sempre produzia uma roda de capoeira quando se finalizava a feira. Tal movimento possibilitou ao município assumir o topônimo com o qual passou a ser (re) conhecido até os dias de hoje: Berimbau. Ou seja, esta feira resiste aproximadamente a 102 anos, no mesmo espaço urbano e lugar, vale destacar também, que apesar das diversas especulações de retirada, ela continua ali, trazendo assim, aspectos econômicos e, principalmente, cultural.

Nesse sentido, o objetivo que norteia o presente artigo é apresentar o estado atual da pesquisa em andamento no Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade (PPGDCI), com a qual buscamos estabelecer o desenho que representa esta feira livre. Assim, nada como recorrer aos próprios feirantes, participantes ativos desse objeto de estudo para buscar alcançar tal intento. Portanto, o artigo encontra-se dividido nos seguintes tópicos: da imagem ao desenho; a feira livre de Conceição do Jacuípe – BA.

2. Da imagem ao desenho

Inicialmente, será apresentado uma abordagem acerca do conceito de imagem, a partir das perspectivas de alguns teóricos, já que, ela é considerada como uma grande aliada do desenho e em seguida, discussões sobre o conceito do próprio desenho e sua relação com a cartografia afetiva.

Etimologicamente, a palavra imagem vem do latim *imago* e conforme o dicionário filosófico de Abbagnano (2007) descreve, imagem significa: “semelhança ou sinal das coisas, que pode conserva-se independentemente das coisas [...] A imagem é produto da imaginação; sensação ou percepção, vista por quem a recebe” (ABBAGNANO, 2007, p. 548). Além disso, o autor complementa que esse último significado dado a imagem é constantemente usado pelos antigos quanto pelos os modernos.

Deste modo, partindo ao viés histórico, o aparecimento da imagem aconteceu quando o Homo sapiens tomou consciência do duplo, como sinaliza Edgar Morin (1979) em seu livro ‘O enigma do homem’, especificamente no capítulo ‘Um animal dotado de desrazão’. Segundo o autor, “a existência do duplo é atestada pela sombra móvel que acompanha cada pessoa, pelo desdobramento do ser no sonho e pelo desdobramento do reflexo na água, isto é, a imagem [...] todo objeto para o sapiens tem uma dupla existência” (MORIN, 1979, p.107).

À vista disso, a relação do homem com a imagem foi tão significativa que o autor passa a comparar como uma segunda nascença do próprio homem. Por sua vez, o que leva considerar também a imagem como uma porta de entrada do homem para o mundo do desenho, pintura, fotografia e entre outros. Assim, seguindo a ordem cronológica da imagem, como já mencionado, o desenho foi o primeiro a entrar na vida do homem, de início, através de riscos, traços em rochas e nas paredes das cavernas o qual passou a ser considerado como a primeira linguagem falada e escrita do homem.

Nessa perspectiva, realizada a abordagem da imagem até chegar o desenho, trataremos agora, acerca da definição sobre o desenho com seguinte questionamento: afinal, como podemos conceituar o que é desenho? Ao partirmos para o viés etimológico do termo desenho, Rodrigues (2003) pontua que:

O substantivo “desenho” deriva do latim *designu*, vocábulo rico de sentido, podendo simultaneamente significar “desenhar” e “designar”. O desenho, obra inscrita sobre um suporte com duas dimensões, apresenta plasticamente uma essência, um conceito, um pensamento ou representa as aparências do nosso mundo natural. (RODRIGUES, 2003, p.20)

Com isso, Trinchão (2015) nos chama atenção para o viés histórico acerca do desenho:

O desenho é o mais antigo registro histórico: surgiu antes da escrita e se constituía na própria escrita. Uma vez que era pelos códigos gráficos que o homem se comunicava e organizava a escrita, esses registros foram os primeiros relatos da vida humana. (TRINCHÃO, 2015, p.102)

Já, para a definição do termo desenho, a autora Rodrigues (2003) afirma que varia bastante, em alguns momentos refere-se à simplicidade da identificação do seu caráter bidimensional e ao registro de elementos gráficos, enquanto em outras indicam desde a possibilidade da delineação de formas, até sua gênese. Em complemento ao conceito de desenho, o autor Gomes (1996) o define como “uma das formas de expressão humana que melhor permite a representação das coisas concretas e abstratas que compõem o mundo natural ou artificial em que vivemos” (GOMES, 1996, p.13).

Sendo assim, cientes de que existem inúmeras tipologias de desenho, desde (desenho traçado, visual, projeto e etc), aqui optamos em utilizar o desenho como uma ação desenhística, visto que, o mesmo se configurará a partir das falas dos participantes da pesquisa, constituídos por feirantes e clientes presentes na feira livre de Conceição do Jacuípe – BA, essa ação desenhística, a qual nos referimos pode ser chamada também de cartografia afetiva.

Nota-se, que a cartografia está presente na vida do homem desde a pré-história, inicialmente, utilizada para representar os lugares disponíveis à caça e pesca. Já, no período da Idade Média o cientista Cláudio Ptolomeu elaborou os primeiros esboços que mostravam a localização dos continentes europeu, asiático e africano. Porém, foi através das Grandes Navegações que a cartografia se torna

uma técnica com a finalidade de representar precisamente a superfície, como pontuam Lemos e Rocha (2018):

A representação espacial sempre foi um dos objetivos da geografia, sendo a cartografia considerada um método preciso de representar a realidade baseado em cálculos matemáticos complexos que via de regra seriam acessíveis apenas para poucos iluminados. (LEMOS e ROCHA, 2018, p.1)

Entretanto, com o passar do tempo, a cartografia adquiriu algumas transformações, ou melhor, surgem novas vertentes que recebem o nome de cartografias contemporâneas. Dentre essas cartografias contemporâneas, podemos destacar a cartografia afetiva, a mesma tem suas bases ancoradas nas discussões dos filósofos Felix Guattari e Gilles Deleuze, conforme cita Kastrup (2009) “[...] visa acompanhar um processo, e não representar um objeto. Em linhas gerais, trata-se sempre de investigar um processo de produção” (KASTRUP, 2009, p.32).

No que refere-se ao Brasil, a pioneira nessa abordagem de cartografia afetiva destaca-se a autora Suely Rolnik, segundo afirmam Marinho e Gorayeb (2019) “Rolnik acredita que além de representações da paisagem estática, as paisagens psicossociais também são cartografáveis” (MARINHO e GORAYEB, 2019, p.3). A partir disso, Pereira (2014) salienta:

Criar uma cartografia afetiva seria construir uma história atribuindo realidades/ficções nessas criações. Com isso, tornamo-nos autores e preceptores que trocam sonhos, ilusões, realidades, ficções, mas, principalmente, buscam uma relação mediante cartografias impulsionadas pelo afeto. Neste sentido, um mapa afetivo é uma cartografia, por ser vivo, por estar em constante transformação e por ser dinâmico. (PEREIRA, 2014, p.113)

A autora ainda complementa que, a cartografia afetiva têm como ponto de partida para sua construção nossos territórios afetivos, os quais são importantes e nos afetam a querer naquele momento desejar, cartografar. Em complemento a esta discussão, Kastrup (2009) reforça a ideia de que a cartografia não visa isolar o objeto de suas articulações históricas, muito menos de suas conexões com o mundo. Ao contrário, o objetivo da cartografia é desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno estudado se encontra conectado, dando conta de suas

modulações e de seu movimento permanente. Portanto, podemos assim dizer que a cartografia afetiva se constitui em uma ação de natureza desenhística.

3. A Feira livre de Conceição do Jacuípe- BA

Antes de tratarmos acerca da feira de livre de Conceição do Jacuípe-BA, é válido realizarmos uma contextualização sobre a feira livre no geral. Assim, quando nos voltamos para a etimologia do termo feira, descobriremos que o mesmo originou-se da expressão em latim *feria-feriae*, trazendo inicialmente, o significado de dia de festa, como pontua Silva apud Silva, A. 2016, p.53:

O termo “feira”, vem do latim *feria – feriae*, que significa “dia de festa”. No simbolismo litúrgico era um dia de “celebrar o Senhor”, o dia em que os fiéis e peregrinos se dirigiam aos templos, levando consigo oferendas, que podiam ser animais, pratos culinários, roupas e outros objetos. Com o passar dos tempos, o comércio se sobrepôs ao ato religioso, o que levou os comerciantes a aproveitarem o dia festivo para expor e vender suas mercadorias.

No quesito a origem da feira livre, não se sabe ao certo quando ela exatamente surgiu, embora diversos historiadores sinalizarem que a mesma se faz presente desde ano 500 a.C., Entretanto, no caso do Brasil, Costa e Santos (2016, p.654) afirmam “as feiras livres estão presentes desde a colonização e atualmente ainda são importantes formas espaciais presentes nas cidades”.

Com isso, Matos apud Souza (2015, p.131) complementa “as primeiras feiras se deram entre o século XVII e XVIII com o crescimento demográfico e diversificação da economia, sendo responsáveis pela formação e povoamento do interior brasileiro.”

A partir disso, Costa e Santos (2016) salientam que as feiras livres se materializam no espaço como formas comerciais de caráter socioeconômico e cultural. Esses mercados periódicos se organizam nas ruas e praças, onde os feirantes expõem diversos tipos de produtos. Por sua vez, Pontes (2012) reforça a ideia de “as feiras livres fazem parte da rotina das cidades, localizam-se em uma ou mais ruas, proporcionam às pessoas terem acesso a uma diversidade de produtos,

mas também dão a oportunidade das pessoas terem os mais variados encontros” (PONTES, 2012, p.36).

Nessa perspectiva, para a autora Bernadino (2015) a feira livre se apresenta como locus por excelência das representações de afetividades/identidade em suas trocas materiais e simbólicas, como também, a exposição de padrões socioeconômicos e hábitos culturais. Ou seja, em linhas gerais, a feira livre é o lugar vivido, sentido, carregado de significados, como afirma Tuan (1983) “o lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado” (TUAN, 1983). Desta forma, a feira livre que delimitamos como objeto de estudo da pesquisa em andamento no Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade (PPGDCI), é a feira livre do município de Conceição do Jacuípe-BA.

Ressaltamos que, a então pesquisa têm caráter qualitativo e o método escolhido para aproximação com os participantes é o etnográfico, já que, consiste em o pesquisador inserido no local onde encontra-se seu objeto de estudo, passe a observar e vivenciar as características que dispõe o objeto. Assim, como foi dito anteriormente, pretendemos trata-lá sob a óptica de uma ação desenhística, a qual buscaremos através das falas e memórias dos feirantes-frequentadores, o que esta feira representa para eles.

Nesse sentido, já foi iniciada, a pesquisa exploratória na feira livre, pude observar detalhes que antes eram despercebidos, desde a organização das bancas até o processo de comercialização (horário que o pico de frequentadores é maior e menor), como também, foi realizado um estado da arte que buscou reunir materiais sobre a feira livre, porém, foi detectado que até o momento não existem estudos em relação a esta feira livre. Bom, os passos seguintes serão detalhar quais critérios podem ser utilizados para selecionar os feirantes e frequentadores para participar da pesquisa.

Considerações Finais

Diante das abordagens acerca de imagem, observa-se que a mesma é vista como um campo amplo, no qual é compreendida também como produto da nossa imaginação. Sendo assim, sempre ao falarmos em desenho, precisaremos fazer essa ligação de imagem ao desenho. E por falar em desenho, a pesquisa em andamento pretende utilizá-lo como uma ação desenhística, visto que, o mesmo se configurará a partir das falas e memórias dos participantes, constituídos por feirantes e frequentadores presentes na feira livre de Conceição do Jacuípe – BA, essa ação desenhística pode ser chamada também de cartografia afetiva.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BERNADINO, Sharlene da Silva. **A feira livre da cidade de Nova Cruz – RN: aspectos culturais e econômicos**. 2015. 132f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências Exatas e da Natureza. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa – PB, 2015.
- COSTA, Maria Regiane da; SANTOS, Dionys Morais dos. Feiras livres: dinâmicas espaciais e relações de consumo. **Revista Geosaberes** – UFC, 2016.
- FREITAS, MCS., FONTES, GAV., and OLIVEIRA, N. A feira livre sob um um olhar etnográfico de Ana Cláudia de S. Teles Minnaert. EDUFBA, 2008.
- GOMES, Luiz Vidal Negreiros. **Desenhismo**. 2º ed. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 1996.
- LEMOS, Jaqueline de Jesus de; ROCHA, Cléa Cardoso. Possibilidades de representações do lugar: mediações pedagógicas rumo à cartografias alternativas em Feira de Santana – BA. **Anais do XXII Seminário de Iniciação Científica** – UEFS, 2018, p.1-4. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/semic/article/view/3960>
- KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da; PASSOS, Eduardo (Org.). **Pistas do método da cartografia** – pesquisa-intervenção e produção da subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- MARINHO, Anderson da Silva; GORAYEB, Adryane. Cartografia afetiva: um caminho metodológico na leitura da dimensão simbólica-subjetiva do espaço escolar. **Anais do XVIII Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada**. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza – CE, 2019.

MORIN, Edgar. Um animal dotado de desrazão. In: MORIN, Edgar. **O enigma do homem**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. P. 101-118.

PEREIRA, Juliana Cristina. Cartografias afetivas: Proposições do professor-artista-cartógrafo-etc. **R. Ra' e Ga**. Curitiba, v.30, 2014.

PONTES, Andressa Almada Marinho. **Em meio a conversas**: experiências nas relações cotidianas numa feira livre de Aracaju. 2012. 128f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Núcleo de Pós-Graduação em Psicologia Social. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão – Sergipe, 2012.

RODRIGUES, Ana Leonor M. Madeira. **O que é Desenho**. Lisboa: Quimera, 2003.

SILVA, Andrea da. **Sustentabilidade em Empreendimentos de Feiras Livres**. 2016. 178f. Tese (Doutorado em Ambiente e Desenvolvimento) Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*. Centro Universitário UNIVATES. Lajedo, 2016.

SOUZA, Carolina Rezende de. As feiras livres como lugares de produção cotidiana de saberes do trabalho e educação popular nas cidades: alguns horizontes teóricos e analíticos no campo trabalho-educação. **Revista: Trabalho Necessário**, 2015.

TRINCHÃO, Gláucia Maria Costa. Desenho e fotografia – registros de memória do sistema de transporte da Salvador oitocentista. In: TRINCHÃO, Gláucia Maria Costa (Org.). **Desenho & Visualidades**. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS, 2015.

TUAN, Y-F. **Espaço e lugar**. São Paulo: Difel, 1983.